

um espaço importante, pois atualmente é a primeira causa de morte por doença no público infantojuvenil. Os cuidados paliativos e tratamento oncológico pediátrico podem e devem ocorrer de forma concomitante, por se tratar de uma doença ameaçadora à vida. Com isso, a equipe multidisciplinar se apresenta como principal instrumento para operacionalização dos cuidados. É neste contexto que o papel do psicólogo se faz necessário, pois é ele quem possibilita a expressão emocional do paciente e de seus familiares do sofrimento advindo da incurabilidade da doença e da paliatividade. Nos atendimentos psicológicos direcionados para o paciente oncológico em cuidados paliativos e seus familiares frequentemente surgem demandas emocionais vinculadas à morte. Deve-se considerar que o falecimento de uma criança e/ou adolescente não é percebido como um processo natural, apresentando assim, repercussões negativas na família e em outros sujeitos envolvidos com o paciente. Portanto, o fazer do psicólogo, nestas situações, de oferecer uma escuta qualificada ao indivíduo que está vivenciando a incurabilidade, acolher as demandas dos familiares, refletir sobre o óbito e iniciar a elaboração da perda. Ressalta-se nessa situação a importância da relação equipe-paciente-familiar.

1833

A INVISIBILIDADE DA FIBROMIALGIA COMO FATOR CONTRIBUINTE PARA SINTOMAS DEPRESSIVOS: RELATO DE CASO

CATEGORIA DO TRABALHO: RELATO DE CASO ÚNICO

Amanda Ronchi Mendonça, Daniele Lima Rocha

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução: A fibromialgia (FM) é uma síndrome crônica reumática não-deformante, tendo sua etiologia atribuída a causas multifatoriais e que se caracteriza pela presença de dor musculoesquelética difusa e intensa que pode ser associada à incapacidade funcional, contribuindo para o aumento do estresse e gerando grande sofrimento emocional para o paciente. A dor crônica envolve importantes componentes psíquicos que se intensificam pela dificuldade da redução dos episódios de dor, sentimento de impotência e rejeição social à pessoa diagnosticada com a síndrome. Com base nestes preceitos, buscou-se investigar como a invisibilidade social da fibromialgia impactou no diagnóstico de depressão da paciente. Descrição do caso: Paciente do sexo feminino, 56 anos, encaminhada para o Serviço de Psicologia pelo médico da Fisiatria e Reabilitação após a percepção de sintomas depressivos. Ao longo do processo foi identificada ideação de suicídio, mas sem risco iminente. A paciente apresentou também dificuldade em se adaptar ao contexto de adoecimento e de conseguir expressar suas emoções. Como fatores protetivos apresentou boa adesão ao tratamento e vínculos familiares fortalecidos. Como pontos de vulnerabilidade indicou dificuldade em lidar com uma síndrome pouco reconhecida socialmente, fazendo com que se sentisse incompreendida e desvalorizada. Tais sentimentos tornaram-se cruciais para a manifestação de sintomas depressivos uma vez que contribuíram com a construção de pensamentos e sentimentos de culpa, baixa autoestima e solidão. Trabalhou-se com a paciente a capacidade para reconhecer suas emoções, bem como aprender a identificar fatores de estresse que poderiam contribuir para o aumento da percepção da dor e sentimentos tristeza. Além disso, desenvolveu-se aspectos de psicoeducação e higiene do sono. Conclusão: Buscou-se analisar as contribuições que a psicologia ambulatorial, por meio da psicoterapia breve, pode oferecer ao paciente com diagnóstico de fibromialgia. Verificou-se que a psicoterapia pode contribuir para a diminuição de sintomas depressivos, na aceitação do adoecimento e na estimulação da participação ativa da paciente no reconhecimento e identificação de situações e sintomas que possam auxiliar no controle da dor.

1857

QUANDO O TRANSPLANTE NÃO É UMA OPÇÃO

CATEGORIA DO TRABALHO: PRÁTICAS INSTITUCIONAIS INOVADORAS

Rosemary Inácio Viana, Thamiris Kroth de Vasconcellos, Higor Andrade Santana

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

O presente estudo tem por objetivo abordar a assistência psicológica para pacientes vinculados as equipes de transplante de órgãos sólidos de um Hospital Escola de Porto Alegre/RS. Por vezes o transplante pode não ser uma possibilidade terapêutica, o que demanda das equipes planejar seu cuidado frente ao final de vida, sendo necessário rever seu plano de tratamento.

Segundo a definição de cuidados paliativos, todo paciente que possui uma doença sem possibilidade curativa e necessita de manejo de sintomas apresenta-se apto a modalidade de cuidados continuados, por consequência, indivíduos com doenças crônicas, incluindo aqueles em avaliação para transplante, são categorizados como pacientes em cuidados paliativos. Este trabalho tem por objetivo discutir a proposta de expansão dos cuidados paliativos no manejo de pacientes em programa para transplante de órgãos sólidos. Trata-se de uma descrição da experiência da psicologia junto as equipes transplantadoras frente a nova perspectiva de inserir os cuidados paliativos como parte do processo assistencial. Tradicionalmente a formação de profissionais de saúde, essencialmente a medicina, é voltada para perspectivas curativas, tornando difícil diferentes olhares para a morte e o morrer. Neste sentido, a psicologia insere-se com um olhar humanizado frente a esta mudança da cultura institucional, estimulando as equipes a reconhecerem o paciente como um ser integrado, complexo e com desejos. Sendo assim, percebe-se na prática da instituição a dificuldade das equipes de assistência em transplante em abordar esta perspectiva que não tem por objetivo a extensão da vida, e sim a melhora da sua qualidade. Contudo, considera-se que recentemente foi criada uma proposta de Plano Antecipado de Cuidado e Tratamento (PACto) na instituição que auxilia as equipes na abordagem dos cuidados através de etapas e orientações que serão registrados em prontuário. Assim, o olhar da psicologia contribui ofertando escuta, espaço e reflexões acerca dos cuidados disponíveis e vontades do paciente, muitas vezes mediando a relação equipe-paciente-família. A psicologia também disponibiliza suporte as equipes, potencializa a comunicação efetiva e planeja intervenções conjuntas, quando necessário. Toda mudança de cultura precisa ser construída diariamente, por meio de ações e participação ativa dos envolvidos, permeada por comunicação interdisciplinar e abertura a novos processos assistenciais.

1905

GRUPO ATIVAMENTE: TRABALHANDO HABILIDADES SOCIAIS COM ADOLESCENTES EM UM CAPSI

CATEGORIA DO TRABALHO: PRÁTICAS INSTITUCIONAIS INOVADORAS

Antonella Cabrini de Lima, Thobias Plesnik, Laís Steffens Brondani, Flávia Moreira Lima, Luíza Bohnen Souza, Aline Lutkemeyer

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução: O Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (CAPSi HCPA) oferece tratamento em saúde mental em equipe multiprofissional para crianças e adolescentes com sofrimento psíquico intenso. O treinamento de habilidades sociais em grupo é indicado para crianças e adolescentes que apresentam déficits no autocontrole e expressividade emocional assertivas. Considerando o perfil de usuários do CAPSi, com grau empobrecido de autonomia e funcionalidade e dificuldades nas relações interpessoais, o desenvolvimento ou ampliação do repertório de habilidades sociais mostra-se de suma importância enquanto cuidado multidisciplinar. Objetivo: retratar o planejamento e condução de um grupo de habilidades sociais com adolescentes de 13 a 16 anos no CAPSi HCPA. Metodologias empregadas: O grupo, chamado de Ativamente, teve início em maio de 2021 e segue até o presente momento. Participam dos encontros até oito usuários que apresentam déficit cognitivo, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e/ou comportamento opositor, e com acentuadas dificuldades de interação social, encaminhados após discussão em equipe, de acordo com o Plano Terapêutico Singular. O grupo é coordenado pelos residentes multiprofissionais do Programa Saúde Mental dos núcleos da Psicologia e Educação Física. Os encontros ocorrem semanalmente, com duração de cerca de uma hora e meia, onde os integrantes são estimulados a interagir e participar de jogos, treinos, rodas de conversa e atividades corporais. Observações: A partir das dificuldades cognitivas apresentadas pelos usuários, foram necessárias mudanças no planejamento das atividades propostas, com foco em práticas corporais e recreativas, e treinos de habilidades sociais em situações cotidianas mais concretas. Entretanto, os membros do grupo participaram das atividades de forma interativa e respeitando os manejos da equipe. Os adolescentes também foram capazes de debater em grupo de forma assertiva acerca das atividades planejadas pelos residentes e propor novas tarefas. Considerações: O grupo Ativamente mostrou-se uma ferramenta efetiva para a promoção do cuidado em saúde mental. Criou-se um espaço de acolhimento, onde estimula-se a criação e o fortalecimento de vínculos, a troca de experiências entre os usuários, assim como o desenvolvimento de autonomia, através do oferecimento de um ambiente seguro para o aprendizado e treinamento de formas mais assertivas de interação social.